

ilustrada

## É Tudo Verdade revê filmografia de Vivian Ostrovsky, que fez dos filmes um laboratório

Artista, que se firmou como distribuidora pioneira de diretoras como Agnès Varda, recusa o título de cineasta e afirma que suas ideias vêm da intuição



Cena de 'V.O. por F.P.', filme da pesquisadora Fernanda Pessoa sobre a cineasta Vivian Ostrovsky. Divulgação

Davi Galantier Krasilchik

**SÃO PAULO** Mesmo com filmes no *É Tudo Verdade*, Vivian Ostrovsky recusa o título de cineasta. Aos 80, já marcada por vários formatos de trabalhos experimentais, a artista se diz mera observadora. E afirma que pessoas desconhecidas são as protagonistas ideais para o seu "teatro do cotidiano".

"Hoje, muitos viram os celulares para si e se filmam. Sigo virando a câmera para os outros. Eu me divirto com pessoas tirando selfies e posando por horas, em busca do ângulo perfeito", diz a realizadora, tema de uma retrospectiva do festival de documentários.

Entre banhistas cariocas, animais do interior francês e soldados soviéticos, as memórias que habitam seu trabalho misturam vivências e países. Filha de imigrantes judeus, nascida em Nova York e criada no Rio de Janeiro, ela diz que o mundo atual é diferente daquele que costumava filmar. Regiões como a Europa e a América Latina parecem mais próximas, e conflitos como os do Oriente Médio ecoam por todos os lugares.

Desde a década de 1980, quando lançou o seu curta de estreia

—um ensaio que destaca vestidos e gestos num desfile parisiense—, Ostrovsky prioriza a intuição e afirma que as ideias surgem conforme conecta as suas imagens.

Da aceleração de pessoas que andam pela praia de Copacabana à inscrição de frases de Clarice Lispector em ambientes diversos, a artista repensa registros rotineiros e discussões narrativas. Isso porque ações do corpo, comportamentos coletivos e intervenções visuais em fotos e outros objetos interessam a ela mais do que histórias com começo, meio e fim.

A pesquisadora Fernanda Pessoa, que exibe no evento o seu "V.O. por F.P." —curta sobre a diretora que ela desenvolveu desde o doutorado—, afirma que o repertório de Ostrovsky é inclassificável. Não por acaso, a diretora se diz avessa a roteiros e atores.

"Não dirijo ou parto de bases escritas, pois a distância entre o que se planeja e o que acontece é grande. Os celulares facilitam esse tipo de filmagem, e agora é possível filmar de todos os jeitos."

Apesar da vigilância de redes digitais, ela defende que as gravações ficaram mais genuínas. Como aparelhos móveis são multita-

refas, nem todos sentem que estão sendo filmados. Ao longo da carreira, até por acidente, a realizadora construiu um vasto acervo de panoramas culturais. Na programação do festival, com 15 obras dela, filmes dos anos 1990 como os seus "Domínio Público" e "Móvie (V.O.)" misturam continentes ao unir boxeadores do Brooklyn nova-iorquino, danças espanholas, músicas da Índia e do samba.

Também em exibição, "CORRESPONDÊNCIAS e RECORDAÇÕES" investiga as artes plásticas via correspondências com a pintora Ione Saldanha e "Nikita Nino" revê as suas idas frequentes a Moscou —em 1966, o pai de Ostrovsky descobriu que os irmãos ainda estavam vivos e morando por lá.

São títulos que retratam transformações e que, diz Pessoa, "se recusam a se estabilizar". Afinal, Ostrovsky não se limitou às próprias câmeras para ver o mundo. Na década de 1970, com a curadora Esta Marshall, ela criou festivais de cinema feminino, que centralizaram importantes discussões sobre gênero e sexualidade.

Os estudos em Paris também a aproximaram de Márta Mészáros, Agnès Varda e Chantal Akerman,

“

Hoje, muitos viram os celulares para si mesmos e se filmam. Eu continuo virando a minha câmera para os outros. Eu me divirto muito ao ver as pessoas tirando seus selfies e posando ao longo de horas e horas, em busca do lugar e do ângulo perfeito

Não dirijo atores ou parto de bases escritas em meus projetos, porque é muito grande a distância entre tudo aquilo que se planeja para um filme e aquilo que acontece na prática

Vivian Ostrovsky  
diretora

algumas das cineastas que juntou numa conferência internacional, em 1975, para debater estigmas do audiovisual. Mais tarde, as iniciativas resultaram na organização Ciné-Femmes International. A bordo de um carro antigo, com rolos de película e outras mídias, ela e Marshall bateram à porta de festivais e cineclubes e divulgaram longas de autoras como Maya Deren, Sarah Maldoror e Marguerite Duras.

Atualmente, a artista concilia produções e a curadoria de mostras internacionais e tem o Festival de Cinema de Jerusalém como herança do pai, grande financiador do Jerusalem Film Center. Criada em 1974, a instituição organiza o evento israelense e traz pautas progressistas à luz de tensões com a população palestina.

"Comecei a fazer filmes por medo de perder memórias", diz Ostrovsky. "Tento misturar todas as minhas paixões —cinema, arte, música, fotografia, poesia. Não gosto de nada que seja padrão."

**Retrospectiva: Vivian Ostrovsky**  
onde Em vários cinemas de São Paulo e do Rio de Janeiro. **Quando** Até 17 de abril, veja a programação completa em [etudoverdade.com.br](http://etudoverdade.com.br)